



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 3, v. 1 mai.-out. 2015

p. 247-265.

# Tambor queer: o rádio brasileiro fora do armário

Joseylson Fagner dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo elucida o panorama geral das relações estabelecidas entre a população LGBT e o rádio, a partir do levantamento documental de programas e emissoras especializadas nesse segmento de audiência. Apresenta-se como resultado de uma pesquisa desenvolvida, em nível exploratório, entre os meses de fevereiro e setembro de 2013, a fim de verificar a existência de canais de comunicação e programas radiofônicos destinados a gays, lésbicas e pessoas transgêneras/transsexuais, do modelo analógico ao digital. Na segunda fase do estudo prosseguiu-se com a análise das informações construídas através dos mapeamentos na internet, a fim de compreender os contextos de produção e circulação de programas e emissoras, e então desenvolver um cenário geral sobre a construção de espaços de comunicação para a camada LGBT da população, especificamente no âmbito da radiodifusão sonora brasileira.

**PALAVRAS-CHAVES:** Radiodifusão brasileira; LGBT; Mercado GLS; Diversidade sexual; Comunicação e cultura das minorias..

**Abstract:** The article clarifies the overall picture of the links between the LGBT population and the radio from the documentary survey of programs and specialized stations that audience segment. It is presented as a result of significant research, exploratory level, between the months of February and September 2013, in order to verify the existence of communication channels and radio programs to gay, lesbian and transgender / transsexual people, model analog to digital. In the second phase of the study continued with the analysis of the information constructed by the mappings on the Internet in order to understand the contexts of production and circulation of programs and stations, and then develop a general picture about building communication spaces for layer LGBT population, specifically in the Brazilian radio broadcasting.

**Keywords:** Brazilian radio broadcast; LGBT people; GLS Market; Sexual diversity; Communication and culture of minorities.

**Resumén:** El artículo aclara el panorama general de las relaciones establecidas entre la población LGBT y la radio, desde el estudio documental de programas y estaciones especializadas en este segmento de la audiencia. Se presenta como resultado de la investigación desarrollada en nivel exploratorio, entre los meses de febrero y septiembre de 2013, con el fin de verificar la existencia de canales de comunicación y dirigidos a las personas gays, lesbianas y transexual/transgénero, desde el modelo análogo al digital. En la segunda fase del estudio se procedió con el análisis de la información construida a través de las asignaciones en el internet, con el fin de comprender los contextos de producción y circulación de las estaciones y programas y luego desarrollar un panorama general sobre la construcción de espacios de comunicación para la capa de población LGBT, específicamente en el campo de la radiodifusión.

**Palabras clave:** La radiodifusión brasileña; La población LGBT; El mercado GLS; La diversidad sexual; La comunicación y la cultura de las minorías.

<sup>1</sup>Professor substituto no Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; mestre em Antropologia Social; bacharel em Comunicação Social (Radialismo e Jornalismo); contato: jofagner.edu@gmail.com.

## Introdução

Saia de baixo meu bem  
Lá vem o vulcão da liberdade  
Com as suas labaredas  
Vem tremendo a cidade  
(...)  
Encontrar os limites na busca  
Cara a cara  
E também olho a olho  
Impondo a bandeira do sim  
Tendo a certeza  
E a coragem de um povo.  
— Tonho Matéria: *Vulcão da Liberdade*.

Na voz de Daniela Mercury, a canção integra o álbum *Música de Rua*, gravado pela Epic Records e lançado pela intérprete no ano de 1994. Figura na letra o sentimento de resistência e de alforria na metáfora de um vulcão, que de certo modo se aproxima das ideias elaboradas nas próximas páginas. Com projeção poética, a mesma energia ilustra as forças de pessoas reprimidas, diante das ameaças de invisibilidade e de silêncio que se erguem contra rostos e vozes. A apropriação de linguagens e suportes de mídia pinta-se de esperança e de festa para ampliar a existência social de indivíduos marginalizados. Propagar ideias, compartilhar referências, divulgar notícias, as atitudes e gestos de combate às modalidades que atuam por opressão tem sua relevância desde a expressão de mensagens simples aos mais elaborados projetos de comunicação. No ritmo da escrita em “o rádio fora do armário”, a composição de Tonho Matéria serve de paisagem ao movimento provocado pela quebra de barreiras burocráticas, sociais e tecnológicas para consolidar espaços de articulação política, artística e cultural nas mais variadas plataformas do veículo.

O rádio é uma figura bastante expressiva nos cenários da comunicação de massa no Brasil, de grande popularidade na década de 1930 e que se mantém presente em grande parte dos domicílios no país. Nos percursos de apropriação do meio, os interesses de “minorias” sexuais e de gênero da população brasileira relacionam-se ao panorama das principais estratégias políticas, dinâmicas culturais e atividades mercadológicas acionadas para a criação e difusão de vias de produção, distribuição e circulação de conteúdos com vistas a suprir necessidades específicas de informação. Esse painel sustenta as oportunidades de diálogo com pautas ativistas, projetos comerciais e ilimitadas formas de consumo associadas aos coletivos militantes ou nichos mercadológicos. O



texto busca, desse modo, explorar cenas e contextos em que o rádio constituiu linguagem e aparato tecnológico importante à consolidação de espaços que afirmassem a existência social de sujeitos, e que representassem caminhos para a projeção e visibilidade de movimentos sociais organizados.

A pesquisa se deu entre os meses de fevereiro e de setembro de 2013, a partir da observação empírica de webrádios direcionadas aos segmentos de consumo GLS. Vizinhos à diversidade de blogs, canais de fotos e vídeos, portais de notícias e redes em mídias sociais, os sites das estações de rádio ocupavam páginas digitais sempre incorporados em projetos gráficos ou redirecionados de publicações externas. O que se percebeu como nova forma para entretenimento e informação especializada nesse segmento de audiência motivou o estudo aprofundado sobre as relações entre a malha radiofônica e os interesses da população LGBT<sup>2</sup>, em modalidades de elaboração e distribuição de conteúdos para suportes de mídia sonora.

Iniciada em nível exploratório, a investigação buscou conhecer os elementos culturais, políticos e mercadológicos que assinalaram a participação ativa de produtores e de audiências em programas especializados, mediante o levantamento de registros documentais, de estudos de caso e de bibliografias. Os esforços da pesquisa estiveram concentrados no resgate e na preservação de memórias sobre os espaços de produção, promoção e de articulação ideológica no rádio, e compreenderam o domínio das concessões estatais até as iniciativas independentes em outras dimensões de poder. Em vias de análise, as trajetórias descritas contribuem para a formação de painel comparativo agenciado na aproximação com realidades externas, que permitem compreender fronteiras, horizontes e desafios às atuações do movimento LGBT organizado na esfera pública.

### Ressonâncias *queer* pelos tambores do rádio

O rádio potencializa ocasiões para a mobilização de grupos, redes, instituições, empresas e formações associativas no interior de comunidades e de populações. É assim que define McLuhan (2005) ao imaginar o meio em termos de “magia tribal”, capaz de envolver pessoas numa profundidade “que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões [... carregada de] ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos” (p. 144-5), com poder para afetar experiências particulares e íntimas das pessoas através de uma câmera de eco subliminar. Sua presença desde tecnologias hertzianas ou digitais de transmissão de conteúdos representa caminhos

---

<sup>2</sup> As tensões presentes nas concepções presentes entre as siglas GLS e LGBT serão tratadas na próxima seção, no contexto a que fazem referência direta.



pelos quais pessoas, corporações ou coletivos sociais podem se apropriar para evocar multidões ao redor de um fim ou sentido comum.

O termo “minoría” exposto aqui escapa à tentativa de reduzir a dados demográficos o que se percebe como plural: subjetividades, experiências e identidades. O conceito articulado por Sodré (2005) contempla a presença de tal categoria de análise no âmbito dos estudos comunicacionais para remeter “à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social” (p. 11). A apropriação do termo na redação do artigo se justifica pela intenção metodológica de representar as construções identitárias dissidentes do modelo heterossexual, incluindo os gays, as lésbicas, bissexuais, as travestis e transexuais, além de formulações emergentes.

Dissidentes à concepção de “normalidade” prevista numa matriz de regulação social heteronormativa<sup>3</sup>, tais classificações são alvo de cargas de significados negativos, inseridas em lógicas de estigma e processos de marginalização social. Dentre as várias expressões que servem a essa produção advém o “*queer*”, termo proveniente da língua inglesa usado na qualidade de injúria, para segregar tudo o que se exterioriza como “anormal”, “bizarro”, no sentido literal da tradução da palavra. Em resistência às linhas de abjeção, rejeição e humilhação atribuídas às populações *queer*, Miskolci (2012) descreve a emergência de uma virada crítica no contexto norte-americano, a partir dos anos 1990, que se fundamenta na análise das fronteiras que demarcam, de um lado, pessoas socialmente aceitas e, do outro, as identificações relegadas à vergonha e ao desprezo coletivo nas mais variadas ações, pensamentos e dinâmicas sociais. Desse modo, o espírito político *queer* contesta as “injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos ‘normais’ quanto dos ‘anormais’” (p. 26). Ao transportar a expressão para outros campos e setores de atividade, invoca-se um ato político é convocado para atuar na interdição dos princípios violentos e compulsórios consequentes desse tipo de classificação.

---

<sup>3</sup> As contribuições teóricas de Michel Foucault (no volume primeiro de *Histoire de la sexualité* [História da Sexualidade], publicado pela primeira vez em 1976) e de Adrienne Rich (na formulação de *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* [A Heterossexualidade Compulsória e a Existência Lésbica], publicado no início da década de 1980) são essenciais ao entendimento sobre a heteronormatividade: exprime-se no sentido de admitir conjuntos de ditados sociais que inscrevem desejos sexuais, identificações de gênero e outras condutas em territórios referentes ao par binário masculino/feminino ou macho/fêmea como complementares e essenciais à manutenção da ordem social, sustentadas pela lógica reprodutiva e constantemente regulada pelas instituições de poder em seus discursos religiosos, médicos e jurídicos. Assim, toda manifestação que desvia daquela ajustada pela tríade sexo/gênero/orientação sexual – como a homossexualidade e a transexualidade – são marginalizadas e inscritas como perigosas para a manutenção da ordem.



Nos Estados Unidos, a articulação de ativistas e revolucionários originou espaços de programação em emissoras públicas de rádio, caracterizando o período de ascensão das *queer rádios*, identificado por Johnson (2010) como movimento que “empoderou comunidades de gays, lésbicas e transgêneros a procurarem novas formas de trabalhar em conjunto para fornecer informações, recursos e associação com outras redes nos Estados Unidos e internacionalmente<sup>4</sup>” (p. 319). As mobilizações formulam um cenário de reivindicações pela democratização do acesso à informação e de conteúdos lúdicos, como também para combater estereótipos e modos de discriminação propagada pelos veículos de mídia. Em outro momento, Johnson (2008) diz que a expressão das *queer radios* emerge a partir dos atos organizados por grupos de ativismo enquanto reação a comentários e abordagens discriminatórias atribuídas à homossexualidade nos programas transmitidos pelas estações de rádio e de televisão, nos anos 1960.

As primeiras abordagens de “tópicos *queer*” na programação do rádio estadunidense Unidos aconteceram durante a década de 1950, e se verificam especificamente em dois momentos, ambos na emissora KPFA-FM, do estado de São Francisco: primeiro na leitura do poema *Howl*, texto de Allen Ginsberg que revela atitude liberal em relação à sexualidade, marcando um dos primeiros sinais da presença gay na transmissão radiofônica no país; e segundo com a projeção do primeiro documentário sobre direitos humanos para pessoas homossexuais. Em outros programas foram propagados pontos de vista elaborados por profissionais conservadores, que contribuíram para a difusão de estereótipos no tratamento das questões relacionadas às sexualidades humanas. Naquelas situações era comum que ativistas se dirigissem às sedes das estações para exigir um tempo de resposta na programação contra as mensagens transmitidas.

Com os episódios da Revolução de Stonewall<sup>5</sup>, no ano de 1969, Johnson (2008) reconhece a motivação pela busca de liberdade de expressão nos meios de comunicação de massa nos Estados Unidos. O acontecimento histórico viabilizou a inserção de notícias na programação de várias emissoras, através dos informes acerca do movimento organizado por gays, lésbicas, bissexuais e pessoas transgêneras. Posteriormente foram lançados programas de rádio direcionados a essa camada da população, produzidos em emissoras locais e distribuídos para outras partes do mundo, como é o caso do *This Way Out: The International Gay & Lesbian Radio Magazine (TWO)*, que

---

<sup>4</sup> “empowered gays, lesbians, and transgendered communities to seek new ways to work collectively toward providing information, resources, and fellowship to others in the United States and internationally” (tradução nossa).

<sup>5</sup> A Revolução de Stonewall (*The Stonewall Riots*) é lembrada como uma série de acontecimentos que deram origem ao Dia Internacional do Orgulho Gay (28 de junho), marcada por conflitos violentos entre pessoas ativistas e clientes LGBT e a polícia de Nova Iorque, contras as incursões e invasões regulares de policiais no Stonewall Inn, um bar de frequência homossexual no West Village, em Manhattan, durante o verão de 1969.



estudou em Los Angeles no ano de 1988. O *TWO* teve como proposta fornecer informações, notícias e conteúdos diversos relevantes aos estilos de vida e aos interesses de comunidades gays, tais como entrevistas com autores, peças de humor, de poesia, execução musical de cantores declaradamente homossexuais e atualizações de tópicos a respeito da Aids. Nos anos seguintes insurgiram as estações *queer* nas ondas públicas do rádio norte-americano, instituídas pelo empenho de voluntários. Os esforços para a elaboração dos programas atraíram tardiamente os investimentos provenientes das emissoras comerciais, quando institutos de pesquisa mercadológica e publicitários visualizaram novos status para as profissões de gays e lésbicas e seu poder aquisitivo, considerando a partir de então seu potencial enquanto segmento de público consumidor.

O panorama das *queer radios* estabeleceu presença mais definitiva nos anos seguintes, com a experimentação de “programas gays” em rádios públicas pelo mundo, pela ocupação de faixas de horário nas programações até a criação de estações segmentadas, focadas nessa audiência. Assim ocorreu no estado americano de Denver, com a fundação da *KGAY Radio Network*, em 1992, lançada por Cley Henderson e Will Guthrie. A emissora vislumbrou a perspectiva de comunicação em formato comercial para públicos de gays e lésbicas e veiculou 24h diárias de programação, transmitida sete dias por semana via terrestre e satélite. Outros exemplos contemplam o surgimento da *Gaydio*<sup>6</sup>, em Manchester, Reino Unido, no ano de 2006, em operação por FM (88.4 MHz) e na internet via transmissão online, considerada uma das maiores estações nessa vertente em termos internacionais.

As características de implantação das *queer radios* na paisagem midiática norte-americana propõem vias de análise para fundamentar o entendimento acerca do referente brasileiro. Primeiramente para tratar de comportamentos nas modalidades de apropriação radiofônica por agentes sociais, seja enquanto consumidores ou como ativos na preparação e na distribuição de conteúdos para as massas. Em seguida, para relevar as particularidades dos diferentes panoramas organizados para tal fim. Acrescentam-se aí as inovações tecnológicas potencialmente exploradas para atingir interesses coletivos nas novas plataformas midiáticas, especialmente adotadas como meios reivindicatórios do acesso à informação. Identificar tais possibilidades pode refletir estratégias de comunicação que operem nos moldes da *queer radio*, e das formas de ação política e cultural pelas populações não heterossexuais no Brasil.

---

<sup>6</sup> GAYDIO. Desenvolvida por Gaydio Community Interest Company. Manchester, Reino Unido, 2006. Disponível em: <<http://www.gaydio.co.uk>>. Acesso em 26 mar. 2013.



A referência ao LGBT<sup>7</sup> é amplamente utilizada para afirmar os espaços de militância instituídos por movimentos, entidades e coletivos sociais no Brasil. Fry e MacRae (1985) destacam a importância do cenário artístico do início da década de 1960, representado por ícones como Caetano Veloso, Ney Matogrosso (na formação do grupo musical Secos e Molhados) e os Dzi Croquettes. Durante a Ditadura Militar, quando a repressão e a violência foram enfrentadas de forma criativa nas performances musicais, os papéis sexuais e de gênero conceberam linguagens de questionamento e de protesto daquela época. Com o fim da censura, as discussões se deram de forma mais abrangente e sistemática, o que pode ser especialmente visto na criação do jornal *Lampião da Esquina*, em 1978. O periódico foi editado por jornalistas, intelectuais e artistas que contribuíram para a abordagem sobre os aspectos políticos, existenciais e culturais relacionados à homossexualidade. No ano seguinte, a fundação do Somos<sup>8</sup> marcou a participação efetiva e interlocução do ativismo homossexual nos debates públicos sobre assuntos de repercussão nacional. Fry e Macrae (1985) também citam a relevância de campanhas como a promovida por outros coletivos, como o Grupo Gay da Bahia, de Salvador contra a discriminação e patologização da homossexualidade pelas principais entidades médicas no país.

Em oposição às formulações de “gueto”, a concepção de GLS<sup>9</sup>, pano de fundo para as vivências culturais emergidas nos anos 1990 e que incide na origem comercial de expressões estéticas e construções identitárias na combinação entre mercado e militância. Simões e Facchini (2009) explicitam que “o GLS afirma identidades reconhecidas pelo movimento [LGBT], ao mesmo tempo que procura preservar o espaço de uma certa ambiguidade classificatória” (p. 148). Para esses autores, os interesses que se envolvem nas negociações entre mercado e movimento tendem a ser convergentes, na medida que um incorpora marcas e elementos do outro, como as ideias de “orgulho” e “visibilidade” e símbolos como a bandeira do arco-íris, característicos do movimento LGBT, e a presença de trios elétricos, drag queens, *go-go boys* e casas noturnas, provenientes da

---

<sup>7</sup> LGBT é uma fórmula aprovada na I Conferência Nacional LGBT de Brasília (2008) para demarcar o movimento organizado de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, no sentido de atribuir protagonismo a um campo de lutas que incidem sobre a sexualidade no Brasil. Até o início dos anos 1990, era denominado apenas como “movimento homossexual brasileiro” e posteriormente GLBT, mas a partir das discussões e problematizações de visibilidade expostas durante encontros e congressos de militância, as designações foram reformuladas, estando mesmo a atual aberta e sujeita a contestações, variações e mudanças (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

<sup>8</sup> Fundado em 1978, a partir da publicação do jornal *Lampião da Esquina*, é considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos de homossexuais. Recebeu o nome oficial de Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, no ano seguinte às primeiras articulações.

<sup>9</sup> A sigla GLS foi instituída na associação de eventos como o Mercado Mundo Mix e o Festival de Cinema Mix Brasil da Diversidade Sexual, na primeira metade da década de 1990, e popularizada na abreviação de Gays, Lésbicas e Simpatizantes, para introduzir na realidade brasileira uma prática de preservar espaços e abrir o “gueto” das homossexualidades a outras classificações e expressões de identidade, aspecto presente especificamente na ideia norteamericana de *gay friendly*. (SIMÕES; FACCHINI, 2009).



esteira GLS. Discutidas por França (2012), as demandas de consumidores nem sempre se igualam à atuação dos empresários, pois “mercado e movimento surgem ora como indiferenciados, ora como alinhados, sem se confundir, a depender da situação” (p. 232). Nessa perspectiva, fundamental é entender que a produção e circulação de categorias, referências e imagens identitárias colaboram para reforçar identidades coletivas que servem à atuação do movimento social e, em contrapartida, os estilos de vida relacionados à homossexualidade servem à atuação do mercado segmentado.

Se na cena norte-americana contemplamos a ascensão das *queer radios*, o panorama apresenta condições suficientes para erguer um modelo próprio, que possa ser denominado de rádios “gueis<sup>10</sup>”? Tendo a radiodifusão sonora no Brasil como aspecto central à análise do texto, os elementos até aqui fornecem subsídios para detectar a presença ativista e/ou mercadológica nos diferentes momentos que desenham a linha histórica de atuação política e cultural LGBT nesse meio de comunicação. A fim de entender como se deu a incorporação de elementos do movimento organizado brasileiro na construção de cenários, será apresentada aqui uma série de registros documentais que compreendem notícias e informações sobre os títulos lançados publicamente e sobre as apropriações de variadas plataformas no rádio.

### Ondas sonoras coloridas no *dial*<sup>11</sup> brasileiro

O rádio é um meio de comunicação de massa que sobrevive no território brasileiro sob inúmeras transformações e adaptações, somadas desde as primeiras experiências com emissão e recepção de sons entre longas distâncias até o impacto das mídias digitais. Dos aparelhos de escuta coletiva e da sintonização de frequências pelo *dial* até a utilização dos fones de ouvido e dos aplicativos para dispositivos móveis, a mensagem no rádio negociou proximidade com os hábitos de ouvintes e interagindo com públicos consumidores de outras plataformas. As mudanças foram combinadas na criação de linguagens e de sistemas de transmissão, manifestadas no domínio das lógicas de produção, distribuição e recepção de mensagens. Nas descobertas científicas e aprimoramentos técnicos, as primeiras experiências com rádio advêm de avanços obtidos com a telegrafia e o telefone, na segunda metade do século XIX. Foram impulsionadas por interesses de integração nacional, atendendo as possibilidades estratégicas e militares dadas principalmente no âmbito dos intercursos transoceânicos.

<sup>10</sup> Como grafia aportuguesada para a palavra gay – que anuncia a referência compartilhada em uma perspectiva internacional – a expressão “guei” requer uma identificação brasileira, no sentido de assumir uma postura politizada em relação aos debates entre cultura, sexualidades e política no âmbito nacional. O emprego dessa grafia está presente na obra *Devassos no Paraíso*, de João Silvério Trevisan (1986).

<sup>11</sup> *Dial*, para um glossário de tecnologias radiofônicas, é o nome dado ao controle de sintonia utilizado para a captação do sinal das emissoras em aparelhos receptores de rádio, geralmente em formato de disco, e onde também são mostrados os algarismos correspondentes aos prefixos em AM e FM.



Enquanto veículo de comunicação de massa, suas potencialidades começaram a ser exploradas já no início do século seguinte, elemento propulsor da indústria de radiodifusão norte-americana, nos anos 1920, com a criação da primeira emissora de rádio: a KDKA.

A implantação no Brasil foi marcada pelo espírito de inovação e de difusão educativa, ideais presentes no contexto social, artístico e cultural da época, influenciado pela Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922. Entretanto, foi no Rio de Janeiro que, naquele mesmo ano, aconteceu a primeira demonstração pública de transmissão radiofônica, na Exposição Internacional do Centenário da Independência. Ferraretto (2001) atribui ao interesse e aos esforços pioneiros do antropólogo Edgard Roquette-Pinto, com a participação de membros da Academia Brasileira de Ciências, a fundação da primeira emissora de rádio no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, organizada inicialmente na denominação de radioclube. Essa foi uma modalidade particular aos primeiros anos de estruturação do meio de comunicação no país, que na sua maioria transmitiu programação de cunho educativo, para o entusiasmo da elite intelectual, movidos pela promessa de modernização em diversos setores.

Constituíram-se nos anos posteriores outras modalidades de exploração dos serviços de rádio em decorrência de transformações socioculturais, descobertas tecnológicas e da regulamentação jurídica da radiodifusão. Para Ferraretto (2001), a autorização da publicidade no rádio, nos anos 1930, é o principal fator de popularização das emissoras, que passaram a receber recursos da veiculação de anúncios comerciais e investir em formatos que pudessem cativar a audiência massiva da população. Foi quando radionovelas, programas de auditório, concursos de calouros, humorísticos e tantas outras fórmulas de sucesso propiciaram ao rádio sua fase de apogeu, que ficou conhecida como Era de Ouro, período que se estendeu até os anos 1950. De acordo com o pesquisador, fatores como a concorrência com a televisão, o início de transmissões em frequência modulada (FM) e por redes via satélite contribuíram para a segmentação do meio, refletindo na busca por públicos diferenciados no interior das totalidades de audiência. Surgiram então as emissoras educativas, comunitárias, e a posse dos serviços radiofônicos por partidos políticos, organizações religiosas e grupos ideológicos.

No que concerne à regulamentação federal no Brasil, a exploração dos serviços de radiocomunicação no meio terrestre, transmitida por ondas hertzianas, são de exclusiva competência da União. Ferraretto (2001) define que três tipos de emissoras operam na prestação de serviços de informação e entretenimento, regulamentadas pela legislação brasileira: as comerciais,



“que se constituem em empresas voltadas à obtenção de lucro” (p. 45); as educativas, “sem fins lucrativos [...] mantidas pela União, governos estaduais ou municipais, fundações constituídas com esta finalidade e universidades” (p. 49); e as comunitárias, “que devem atender a comunidade onde estão instaladas, difundindo ideias, elementos culturais, tradições e hábitos locais, além de estimular o lazer, a integração e o convívio, prestando ainda serviços de utilidade pública” (p. 50). Para obter concessão do governo federal, cada licitante deve cumprir procedimentos específicos, responsáveis por legalizar a sua instalação. As outorgas concedidas são consideradas de interesse nacional, e devem atender às finalidades educativa e cultural, conforme o decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963<sup>12</sup>. O documento também firma que a execução de tais serviços compete: à União, aos Estados e Territórios, aos Municípios, às Universidades, às sociedades anônimas ou de responsabilidade limitada, e às Fundações.

É possível identificar então o controle social imposto pela regulamentação nacional como um obstáculo à utilização do meio de comunicação por grupos, redes e coletivos de militância em articulação sociopolítica, uma vez impostas as condições de concessão do sinal. As conexões estabelecidas com a população LGBT existem em momentos de convergência e divergência de interesses, e as principais tensões residem nos conflitos tramados pelas corporações que detém as concessões públicas e os anseios ou necessidades de informação e consumo das referidas “minorias”. Questionam-se, a partir desse quadro, os potenciais de consumo/produção em relação às finalidades definidas na radiodifusão sonora.

Green (2000) destaca a presença significativa de homens homossexuais em fã-clubes e auditórios dos programas de rádio no início dos anos 1950, como uma forma de ter acesso aos astros e estrelas veneradas da época. Cantoras e atrizes que ficaram conhecidas como “divas” e “rainhas” do rádio atraíam uma legião de admiradores ardorosos, o que favorecia os episódios em que “o hábito de comparecer às apresentações na estação de rádio ou aos eventos organizados pelo fã-clubes colocava os homossexuais em contato próximo com outros que compartilhavam as mesmas paixões e interesses” (p. 272). Através dessa rotina, existia a oportunidade de desenvolver redes de sociabilidades com outros gays e com essas mulheres, simbolizando de certo modo a oportunidade de adentrar no mundo da fama e da fortuna das personalidades famosas. Nesse aspecto, a presença coletiva de admiradores nas gravações em estúdios de rádio serviu também para estabelecer amizades, criar grupos e redes de contato que influenciaram o enfrentamento da hostilidade social que lhes era imposta.

<sup>12</sup> BRASIL. Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963. Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Antigos/D52795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D52795.htm)>. Acesso em 27 dez. 2014.



Sobre os programas radiofônicos dedicados exclusivamente a ouvintes homossexuais, foi somente pela iniciativa organizada por essas redes ou por líderes ativistas que os primeiros episódios começaram a acontecer nos variados tipos de emissora. A ausência de investidores de grande porte no segmento, somada aos embates de repressão moral por parte dos setores conservadores da sociedade, dificultou o lançamento e continuidade de diversos projetos. Em uma proposta de documentação dos títulos veiculados pelas emissoras públicas de rádio no país, interessa aqui tecer algumas considerações. Primeiro, que ao denominar “programas gays” refere-se aqui às produções de cunho editorial comprometido com temáticas associadas à homossexualidade, ou aqueles nitidamente com fortes conexões estabelecidas com as referências culturais e sociais das populações LGBT. Em segundo, as informações e registros que compõem pesquisa foram encontrados por meio do levantamento de notícias e notas publicadas em jornais, revistas e sites da internet, devido à ampla existência de emissoras de rádio no país, e do limitado conhecimento que se tem das práticas de todas essas estações.

Identificado por Lascar (1996) como pioneiro no país, o *FM Gay* foi inspirado num exemplo parisiense, e teve como ênfase “atender ao segmento gay, com uma programação musical composta por *hits* tocados nas *boites* e festas *raves* do mundo inteiro. [...] um canal aberto, visando integrar o segmento – que sofre de alguma forma com o preconceito e a discriminação homofóbica” (p. 50). O *FM Gay* foi transmitido pela primeira vez em abril de 1996, em um estúdio-piloto montado em uma boate, a Le Boy, no Rio de Janeiro (RJ), e “um dos aspectos mais interessantes no desenvolvimento do programa é a possibilidade da participação mais incisiva do ouvinte e do frequentador da *boite*” (*ibid.*, p. 51). O programa foi veiculado pela emissora carioca Imprensa 102,1 FM, e teve colaboração de diversos profissionais, como Luiz Carlos Lourenço, Marcos Freitas, DJ Ricardo Lima, além das transformistas Rose Bom Bom e Lorna Washington.

Experimentos semelhantes surgiram em outros lugares do país. Na comunidade de Heliópolis, foi criado em 1997 o programa vespertino *Tarde do Babado*, transmitido aos sábados e domingos numa emissora de rádio comunitária na zona sudoeste da cidade de São Paulo (SP)<sup>13</sup>. Foi idealizado e apresentado por Gerô Barbosa, que se inspirou em uma personagem drag queen do filme *Para Wong Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar*<sup>14</sup> para se dirigir a seu público como Senhorita Titi. Ao lado de um colega, que por sua vez se apresentava como Nana Brasil, desenvolveu o projeto que teve como base a promoção de debates sobre diversidade com agentes de secretarias municipais e outras figuras públicas, e o combate à discriminação. Nesse mesmo ano também foi veiculado em

<sup>13</sup> Cf. URBINI e PIMENTEL, 2013.

<sup>14</sup> PARA WONG Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar (*To Wong Foo Thanks for Everything, Julie Newmar*). Direção de Beeban Kidron. EUA, 1995, 109 min, color., son.



FM de São Paulo o programa *GLS no Ar*, apresentado por Robson Lee e que oferecia, além de entrevistas e fofocas, variedades de horóscopo, dicas de cinema e teatro, músicas e outros debates<sup>15</sup>.

Os projetos que inseriram abordagens relacionadas à homossexualidade no rádio enfrentaram resistência pelos grupos que controlam as emissões radiofônicas no país. No ano de 1999, em Brasília (DF), o programa *Múltipla Escolha*, criado, dirigido e apresentado por Enilson Ferreira Bastos – conhecido por *DJ Lagartixa*, integrante do grupo gay Estruturação – foi retirado da programação da Cultura FM, emissora de rádio do governo do Distrito Federal, devido à pressão política vinda de do setor religioso<sup>16</sup>. Veiculado semanalmente, nas noites de sábado, o programa estava prestes a completar seu primeiro aniversário. Transmitiu músicas, informações diversas e dicas sobre assuntos de interesse geral à população LGBT. O fato é mais um argumento que reforça o aspecto de rejeição dos debates declaradamente destinados a essa camada da população em emissoras de concessão pública, que por sua vez são deliberadas por negociações entre segmentos comerciais interessados nesse nicho e por organizações políticas e religiosas que, na maioria das vezes, detém a concessão ou exercem grande influência sobre as estações de radiodifusão no país.

Na próxima década, os projetos especializados no público gay continuam com a estreia de *Calça Comprida*<sup>17</sup>, em maio de 2005, programa transmitido semanalmente pela Rádio Mundial 95,7 FM, emissora comercial de São Paulo. Idealizado por um grupo de quatro amigos, a produção se estruturava no formato de mesa-redonda, com objetivo de promover a discussão aberta de assuntos gerais, relacionados à cena LGBT, e por isso chegou a ser considerado o primeiro programa de conteúdo exclusivamente gay no rádio brasileiro. Em 2006 o grupo foi desfeito e os integrantes da equipe tomaram rumos distintos: Luiz Gasparetto, Alexandre Hilel e Marcelo Cezar investiram em projetos pessoais, e Shoichi Iwashita aproveitou o espaço conquistado pelo programa para anunciar uma nova produção: o *Gay Show*, que estreou naquele mesmo ano tratando diversos aspectos da vida dos gays, tais como cultura, direitos, moda, música, saúde e comportamento, além de consistir em um importante veículo para a denúncia de crimes de homofobia e como espaço para firmar a autoestima e presença de homossexuais na sociedade.

Em novembro de 2011, a rádio gaúcha Ipanema 94,9 FM lançou o *Programa Gay*<sup>18</sup>, mediado por cinco apresentadores: dois gays, duas lésbicas e uma transexual. Vitor Xavier, Nanni Rios, Valeria

<sup>15</sup> Cf. G MAGAZINE, 1997.

<sup>16</sup> Cf. FRANÇA, 1999.

<sup>17</sup> Cf. PRADO, 2006.

<sup>18</sup> Cf. OLIVEIRA, 2011.



Houston, Júlia Franz e Lucas Mello propagaram notícias, experiências e curiosidades sobre a cena LGBT no país e no mundo em pautas diversas, incluindo a divulgação de eventos, cinema, e discussão sobre teatro, direitos humanos, estilos de vida e sexualidade. Outro projeto de relevância foi o *CBN MixBrasil*, integrado durante três anos à grade de programação da Central Brasileira de Notícias (CBN), do Sistema Globo de Rádio. Foi o primeiro com essa temática numa emissora de programação *all news*, modelo de rádio informativo que trabalha com o fluxo contínuo de notícias. Veiculado semanalmente nas noites de domingo, o programa foi apresentado por André Fischer, Pétria Chaves e Juliano Dip, e abordou cidadania, cultura, consumo, ativismo, além de tópicos sobre saúde e educação sexual, geralmente debatidos na presença de algum profissional especialista.

### As rádios gays nos horizontes da internet

O advento da internet e o impacto nas formas de transmissão de mídias sonoras em redes digitais promovem a incorporação de novas lógicas de produção e consumo de rádio. As tecnologias de transmissão de áudio em plataformas online são especialmente despertadas no pioneirismo do *Manguetronic*, programa criado pelo movimento cultural pernambucano Manguê Beat, em 1996: “a Internet atendia às necessidades do grupo, já que nela poderiam ampliar os horizontes, levando as bases do movimento para outras comunidades, além de poder ter acesso à produção cultural em várias partes do mundo” (BUFARAH JUNIOR, 2003, p. 154). Escapando às limitações expostas pelo poder de outorga em radiodifusão e pelo controle social midiático, os canais de comunicação pela internet constituíram instrumentos de comunicação democrática, de modo que grupos antes não contemplados pela possibilidade de produzir e distribuir conteúdos informativos e lúdicos para audiências encontravam ali oportunidades para estabelecer e fortalecer laços, além de pautar as próprias discussões.

Da distribuição de pequenos programas gravados até a presença de emissoras online, o modelo de transmissão via webradio é descrito por Prata (2012) como o rádio transmitido exclusivamente pela *web*, “a emissora radiofônica que pode ser acessada através de uma URL (*Uniform Resource Location*), um endereço na internet, não mais por uma sequência sintonizada no *dial* de um aparelho receptor de ondas hertzianas” (p. 59). A pesquisadora destaca diferenças estruturais em relação à transmissão de sinal das emissoras hertzianas, que atuam por meio de ondas eletromagnéticas. Ao invés de proporcionar apenas um canal de áudio, as webrádios dispõem de serviços e significantes que se apresentam na tela para oferecer textos, imagens e novos conteúdos sonoros, além das possibilidades de se conectar em rede a outros usuários.



A primeira webradio brasileira totalmente direcionada ao público gay foi criada em março de 2004 e iniciou as transmissões no ano de 2005: a rádio Circuito Mix introduziu o conceito de emissora radiofônica segmentada para audiências homossexuais brasileiras. Com sede em São Paulo, a ideia partiu de Alisson Leite e Daniel Lima, que se propuseram a veicular programação em 24h diárias de notícias, informações e oferecer entretenimento para apreciadores da música eletrônica. As publicações na página da rádio agregavam matérias, notas e reportagens relacionadas ao cenário musical do segmento *pop* e eletrônico nacional e internacional, como também relacionadas a personalidades da mídia e divulgação de eventos específicos dos clubes noturnos voltados ao público GLS.

A abertura proporcionada pela existência da Circuito Mix foi acompanhada de novos espaços na *web*. Em Osasco (SP), o jornalista Pedro Pitanga idealizou a webradio Ômega Hitz para transmissão em portal homônimo na internet a partir de 2008, que também reuniu conteúdos informativos sobre o universo GLS. O projeto conquistou notoriedade e tornou-se referência para a divulgação de artistas da música eletrônica nacional. Com o slogan “A Evolução da Batida Perfeita”, a estação operou em programação de 24h diárias de paradas musicais e com o lançamento de canções e *remixes* de DJs e produtores no segmento musical, bem como de eventos nos clubes noturnos destinados a tal público. No sexto aniversário, novidades na reformulação do projeto incluíram o fim da transmissão em áudio, e a página passou a funcionar apenas como portal para a publicação de notícias e de colunas relacionadas ao segmento musical *pop*, *dance* e eletrônico nacional e internacional.

Dois anos após a estreia da Ômega Hitz foi lançada na cidade de João Pessoa (PB) a estação Power Strike, apresentada ao mercado como a primeira webradio gay a funcionar com redação jornalística. Fundada por Fernando do Vale, a linha editorial do projeto foi composta por seções de entretenimento, tecnologia, saúde, moda, música e notícias regionais, nacionais e internacionais sobre acontecimentos relacionados às pessoas e causas LGBT. A ideia inspirou projetos em outras localidades e atraiu mercados e redes de colaboração. No Quadro 1, que relata a expansão das estações entre os anos de 2004 e 2013, as webrádios incluídas se denominam especializadas no público predominante GLS, ou que se especificam somente para um segmento, seja para gays ou lésbicas. Drag queens e transformistas participaram mais na condição de anfitriãs ou locutoras de programas e/ou quadros específicos, no entanto sem maior visibilidade ou protagonismo conferido às travestis e transexuais.

A expressividade dos investimentos nas webrádios gays despertou o interesse de apoiadores além das organizações independentes. O Grupo Camargo de Comunicação de São Paulo, detentora de



outras duas emissoras de rádio comercial – 89 FM (especializada em rock) e Alpha FM (adulto contemporâneo) – lançou em 2012 a webradio Flex FM. Com direção artística de Armando Saullo, trabalhou na emissora um elenco de profissionais que já atuavam no mercado radiofônico, com proposta de veicular programação exclusivamente destinada ao público homossexual masculino. Os programas foram gravados em colaboração com um quadro de artistas, celebridades, *DJs* e personalidades como a transformista Silvetty Montilla, a atriz Monique Evans e a socialite Val Marchiori<sup>19</sup>. As mídias sonoras na internet também atraíram o interesse do grupo Videobes, dirigido pelo jornalista Thiago Araújo e pelo produtor Christian Simon, responsáveis pelo Pheeno<sup>20</sup>, site de notícias e entretenimento. A equipe do Pheeno operou inicialmente com transmissão de áudio em tempo real numa seção especial da página, a Rádio Pheeno, pela qual divulgaram entrevistas, realizaram bate-papo com especialistas, além da difusão de programas musicais. Chegaram a transmitir em domínio próprio na internet, que existiu até novembro de 2013, quando o conteúdo multimídia voltou a ser oferecido em seção na página principal.

**Quadro 1** – Estações de webradio GLS no Brasil, compilação em 26 mar. 2013.

Estação	Ano	Cidade (UF)	Responsáveis	URL de página inicial
Circuito Mix	2004	São Paulo (SP)	Circuito Mix	<a href="http://www.circuitomix.com.br">http://www.circuitomix.com.br</a>
Ômega Hitz	2007	São Paulo (SP)	Ômega Hitz	<a href="http://www.omegahitz.com.br">http://www.omegahitz.com.br</a>
Circuito G	2008	Treze de Maio (SC)	Circuito G	<a href="http://www.circuitog.com">http://www.circuitog.com</a>
Freedom Mix	2009	Londrina (PR)	Freedom Mix	<a href="http://www.freedommix.com/site">http://www.freedommix.com/site</a>
Power Strike	2009	João Pessoa (PB)	Power Strike	<a href="http://www.radiopowerstrike.com">http://www.radiopowerstrike.com</a>
Alternativa Mix	2010	Palmeira das Missões (RS)	GMix	<a href="http://www.radioalternativamix.com">http://www.radioalternativamix.com</a>
E-Balada	2010	Rio das Ostras (RJ)	E-Balada	<a href="http://www.e-balada.com">http://www.e-balada.com</a>
Vibe Hitz	2011	São Paulo (SP)	Vibe Hitz	<a href="http://www.vibehitz.com.br">http://www.vibehitz.com.br</a>
Rádio PL	2011	São Carlos (SP)	Rádio PL	<a href="http://www.radiopl.com.br">http://www.radiopl.com.br</a>
Flex FM	2012	São Paulo (SP)	Camargo	<a href="http://www.flexfm.com.br">http://www.flexfm.com.br</a>
Rádio Pheeno	2012	Rio de Janeiro (RJ)	Videobes	<a href="http://pheeno.fm/">http://pheeno.fm/</a>
Diversidade FM	2013	Fortaleza (CE)	CCNE	<a href="http://www.diversidadefm.com.br">http://www.diversidadefm.com.br</a>

**Fonte:** autor. Algumas estações relacionadas desativaram suas transmissões de áudio, sem previsão de retorno.

No rádio via internet foram explorados outros estilos de programação para o segmento GLS, como é o caso da estação Diversidade FM, lançada pela Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE)<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> Cf. CALDAS, 2013.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://pheeno.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>21</sup> “A CCNEI [Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional] é uma Organização Religiosa, designada como “igreja”, conforme nosso estatuto social, fundada em 10 de janeiro de 2010, constituída por tempo indeterminado, sem



Sediada na cidade de Fortaleza (CE), a emissora iniciou com a proposta de fortalecer a comunidade pentecostal com difusão de música gospel, mensagens bíblicas, e a disseminação de ações, eventos e demais interesses da organização, com tópicos variados de informação e de lazer. Todo o conteúdo do site e os programas emitidos pela webradio são realizados por integrantes e colaboradores voluntários da CCNE, que não se limitam às mensagens religiosas. Há espaço na programação para a pluralidade de vertentes musicais, como a transmissão de MPB e rock nacional, bem como para a publicação, no site, de notícias e textos informativos sobre cidadania, direitos humanos, artes e entretenimento. Um dos destaques na programação foi o humorístico *No Pé do Teu Zouvido*, apresentado pelo ator transformista Valtemir Oliveira caracterizado como a personagem caricata Bastiana Marmota.

No que diz respeito à produção e distribuição de ideias especificamente direcionadas às lésbicas, a Rádio PL foi lançada em 2011 pela publicitária e webdesigner Del Torres, com o propósito de destinar um espaço na *web* para o entretenimento e informação ao público homossexual feminino. Outros projetos da criadora são o Portal Parada Lésbica<sup>22</sup>, site de notícias, colunas, informação e entretenimento, e a rede social *Leskut*<sup>23</sup>, sendo todos os títulos destinados ao segmento feminino. Um exemplo internacional de emissora de webradio voltando exclusivamente para essa audiência é a estação espanhola *InOutRadio*<sup>24</sup>, que operou com emissões em formato *podcast* no ano de 2008 e depois passou à transmissão ao vivo. O projeto é dirigido pelas jornalistas Carme Pollina e Ana Satchi, e conta com a contribuição múltipla de colaboradoras em diversas partes do mundo, em programas informativos, de humor e de entretenimento, de conselhos, eventos e outros tipos de conteúdo feitos por mulheres e para mulheres.

O *podcast* é outro formato em mídia sonora na *web* que viabiliza a comunicação direcionada. Entendido por Prata (2012) como uma possibilidade audiovisual emergente das novas tecnologias, que consiste num arquivo de áudio digital, gravado e disponibilizado por qualquer pessoa para a escuta online ou para *download* do arquivo, o *podcast* foi inserido nos contextos atuais do rádio por permitir a distribuição de conteúdos ausentes na programação do *dial*. Dentre os projetos

---

fins econômicos, de caráter religioso, com a finalidade de levar a palavra e os ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo a todos os seres humanos, fundamentada nas Santas Escrituras, independente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor e crença religiosa”. In: COMUNIDADE CRISTÃ NOVA ESPERANÇA INTERNACIONAL. São Paulo, [201-]. Disponível em: <<http://www.ccnei.org/index.php/component/content/article?id=77>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://paradalesbica.com.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.leskut.com.br/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://inouradio.com/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.



encontrados em referência a esse modelo está o programa *Lado Bi*<sup>25</sup>, lançado no ano de 2013, produzido e apresentado pelo jornalista James Cimino e pelo designer gráfico Marcio Caparica. O projeto promove a discussão de temas gerais e estabelece diálogos sobre assuntos relacionados às dimensões socioculturais das orientações sexuais e sua presença no cenário político brasileiro, aspectos que enunciam no slogan “Cultura e Cidadania LGBT na Real e com Local”. O portal homônimo pelo qual se distribui o programa é utilizado para a publicação de notícias, informações, colunas e debates. Além da página própria, os programas gravados em áudio são hospedados e disponibilizados para escuta no site Rádio Uol<sup>26</sup>. Os *podcasts* também foram incorporados aos conteúdos de sites e portais segmentados já atuantes na internet, como é o caso do site *A Capa*<sup>27</sup>, que também detém revista de circulação impressa com o mesmo título, e do *Mix Brasil*<sup>28</sup>, mais antigo e maior portal de informações e entretenimento LGBT no país.

### Considerações finais

O rádio brasileiro, desde a presença no *dial* às tecnologias de escuta em dispositivos digitais, situa as populações LGBT em diferentes vias de acesso à informação. Inicialmente como consumidores de programas de auditório, quando ocupavam estúdios pela identificação que assumiam com seus ídolos e artistas da Era de Ouro e, posteriormente, na condição de realizadores, quando seus projetos inseriam as necessidades de atualização e entretenimento nas programações das emissoras públicas, momento de embate contra a repressão de grupos políticos e contra o desinteresse dos empreendimentos comerciais. O advento das tecnologias de transmissão online permitiu a criação de livres espaços para elaborar e distribuir conteúdos de alcance global, caracterizando os espaços segmentados de comunicação em webrádios e *podcasts*, e investimentos iniciais nesse tipo de proposta.

A presença das emissoras na internet revela um quadro que destacam diversas formas de organização de pequenos grupos e associações, desde as comerciais até as institucionais. A apropriação de domínios e o desenvolvimento de páginas na internet já podem figurar como gesto militante, pois reivindicam espaços para informação, lazer e atualização em suportes de mídia tradicionalmente convencionados para explorar abordagens estereotipadas, exóticas, evasivas ou até mesmo discriminatórias a respeito das diferenças sexuais. A atuação das webrádios, *podcasts* e

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.ladobi.com>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/programa/lado-bi>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/multimedia/podcast/>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://mixbrasil.xpg.uol.com.br/radio/>>. Acesso em: 26 mar. 2013.



outras vias de transmissão de áudio pela internet propiciam ao LGBT brasileiro formas de existência e de circulação de referências, desde o universo lúdico até o âmbito ativista, e valem a ampliação de alcance das ações e informações sobre movimentos organizados e discussões políticas.

Se no contexto norte-americano as experiências com radiodifusão sonora receberam a denominação de *queer radio*, aqui pretendemos discutir – mesmo com a influência culturais de países estrangeiros na constituição dos títulos, seções e conteúdos das webrádios daqui – a emergência de uma “rádio guei”. Tal interpelação identitária sugere o estabelecimento de diálogos diretos não somente com as manifestações culturais e estilos de vida promovidos nos ambientes e espaços de consumo GLS, mas com a visibilidade das causas sociais e civis que flamejam a bandeira do movimento organizado brasileiro. Induz a fortalecer laços e contextos de articulação nas questões que fundamentam os debates políticos, o resgate e celebração dos elementos da história nacional, as formas de expressão artística e demais especificidades da realidade do país que podem alcançar projeção global. Além das possibilidades de construir negociações e pontes com outras realidades a partir da teia mundial, de constituir fluxos pelas novas formas de vivenciar identidades culturais situadas em outros contextos nacionais, esse modelo também nos dispõe a nivelar à velocidade do som a emergência das questões inerentes à efetivação da plena cidadania brasileira às populações LGBT.

---

## Referências

- BUFARAH JUNIOR, Álvaro. O pioneirismo do rádio levado à internet brasileira. In: HAUSSEN, Dóris F.; CUNHA, Mágda (Org.). *Rádio Brasileiro: episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 151-63.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.
- FRANÇA, Isadora Lins. Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consumo. *Bagoas: revista de estudos gays*, Natal, v. 6, n. 7, p. 223-52, jan./jun. 2012.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- JOHNSON, Phylis. Gay and lesbian radio. In: STERLING, Christopher H. (Ed.). *The concise encyclopedia of american radio*. New York: Routledge, 2010, p. 319-22.
- \_\_\_\_\_. The howl that could not be silenced: the rise of queer radio. In: KEITH, Michael C. (Ed.). *Radio cultures: the sound medium in american life*. New York: Peter Lang Publishing, 2008, p. 95-111.
- LASCAR, Gilles. *Bastidores: a noite gay*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- McLUHAN, Marshall. Rádio: o tambor tribal. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 143-52.



MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: o aprendizado pela diferença*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRATA, Nair. *Webradio: novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11-4.

#### Fontes de notícia

CALDAS, Edson. Destinada ao público gay, Flex FM aposta em novo programa sobre “segredos e intimidades”. São Paulo, 16 ago. 2013. *Portal IMPRENSA*. Disponível em: <<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/60716/destinada+ao+publico+gay+flex+fm+aposta+em+novo+programa+sobre+segredos+e+intimidades>>. Acesso em 27 dez. 2014.

FRANÇA, William. Governo do DF tira programa gay do ar. São Paulo, 11 fev. 1999. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq11029916.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

G MAGAZINE. *Do Babado – Minúsculas*. São Paulo, ano 1, n. 3, dez. 1997, p. 8.

OLIVEIRA, Samir. Programa gay ocupa espaço inédito no rádio gaúcho. Porto Alegre, 8 nov. 2011. *Sul 21*. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/programa-gay-ocupa-espaco-inedito-no-radio-gaucha/>>. Acesso: em 26 mar. 2014.

PRADO, Magaly. Gay Show estreia no rádio. São Paulo, 17 jul. 2006. *Magaly Prado – Notícias sobre Rádio*. Disponível em: <[http://magalyprado.blog.uol.com.br/arch2006-07-16\\_2006-07-22.html](http://magalyprado.blog.uol.com.br/arch2006-07-16_2006-07-22.html)>. Acesso em: 26 mar. 2013.

URBINI, Lia; PIMENTEL, Luiz. São Paulo, n. 3, 01 set. 2013. O espaço conquistado. *Geni*. Disponível em: <<http://revistageni.org/09/o-espaco-conquistado/>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

